

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **PÁTERA ARGÊNTEA COM REPRESENTAÇÃO DE UMA DIVINDADE LUSITANA.**

BLANCO FREIJEIRO, António

Ano: 1959 | Número: 69

---

### **Como citar este documento:**

BLANCO FREIJEIRO, António, Pátera argêntea com representação de uma divindade lusitana. *Revista de Guimarães*, 69 (3-4) Jul.-Dez. 1959, p. 453-457.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## Pátera argêntea com representação de uma divindade lusitana

Pelo Dr. A. BLANCO FREIJEIRO

Prof. da Universidade de Sevilha

---

Na Primavera passada deu entrada na Colecção Calzadilla, de Badajoz, uma pátera de prata dourada, contendo no centro um medalhão com a figura de certa deusa, cujo nome se encontra gravado numa epígrafe em redor do mesmo medalhão. Tanto este nome da deusa, como a região de onde o interessante exemplar é procedente — a província de Cáceres, segundo se afirma — revelam que nos encontramos perante uma representação raríssima de uma deidade lusitana, apesar de a iconografia ser nitidamente clássica e apenas a inscrição nos fazer conjecturar a assimilação de um tipo romano representativo de uma divindade que, em tempos anteriores, seria, sem dúvida, um númen indígena, isento de figuração plástica, como todos os venerados em terras célticas pré-romanas.

A pátera mede 21 cm. de diâmetro, por 2,5 cm. de altura, e pesa 432 gramas. As figs. 1-3 dão perfeita ideia da sua forma e decoração. O pé, cilíndrico, de 8,5 cm., e o medalhão central são peças soldadas a uma taça, que tem o seu lado côncavo adornado com finas escamas incisadas, nos interstícios das quais o dourado se conservou melhor, e lisa a face convexa, bem como o bordo. O medalhão central mostra-nos uma deusa em pé, sobre uma linha horizontal indicativa do solo, rodeada de alguns motivos complementares que sugerem a sua presença num santuário rupestre. A deusa mantém uma atitude nobre, de estátua, apoiada na perna direita, e com a esquerda ligeiramente dobrada pelo joelho e um pouco afastada para

o lado, de modo que nas ancas se reflecte a consequente inclinação sobre a perna em repouso. Por cima do braço esquerdo tombam as extremidades do manto, ao mesmo tempo que, na mão correspondente, sustém uma cornucópia. O braço direito, estendido, mostra a pátera segura da mão. Apesar de o desgaste de toda a peça se fazer sentir bastante no medalhão, e sobretudo na cabeça da deusa, adivinha-se que ela a conserva coberta com o manto, que dali cai sobre o ombro esquerdo, contornando-lhe em seguida a espádua desse lado e a anca direita, para tombar depois sobre o braço esquerdo; mais claramente que o manto, destaca-se-lhe a coroa mural, que a deusa ostenta na cabeça, assente sobre o referido manto. O vestuário interior é constituído por uma túnica de manga, cingida por cintas que abraçam a parte inferior do busto e se veem também lançadas sobre os ombros.

Como elementos simbólicos da paisagem em que a deusa está enquadrada, vê-se, do lado direito do espectador, uma árvore de tronco retorcido, cujas folhas aparecem desprendidas, por se haverem desvanecido as ténues linhas douradas que representavam as hastes; do lado esquerdo, em primeiro plano, duas aras acesas; num segundo plano, uns penhascos e uma ara apagada; no último plano, uma ara com fogo, como as duas primeiras. O caixilho do medalhão compõe-se de três molduras: — um fio de contas, um filete intermédio, e um outro, mais largo, com a inscrição BAND (*hédéra*) ARAVGEL (*ponto*). Apesar do desgaste do medalhão, o estado de conservação de toda a peça é bastante bom; apenas na parede da taça existe uma pequena rotura, que em nada prejudica a sua forma, nem a sua decoração.

A deusa apresenta todas as características e atributos de uma Dea Fortuna (excepto o temão, que também, por vezes, costuma acompanhá-la), constituindo uma assimilação romana da Tyché helénica. A coroa mural aparece em moedas trácias, cerca de 375 a. C., e, pouco depois, em moedas de Chipre; e, já então como atributo de uma Tyché escultórica, numa das grandes criações do primeiro período helénístico, a Tyché de Antióquia, modelo de tantas outras representações posteriores de deusas protectoras de

idades e gentes. Os elementos complementares, que nos revelam a natureza do lugar onde a deidade aqui representada constituía objecto de culto—talvez uma gruta, ou a encosta de algum monte—têm certos pontos de contacto com os de um relevo de Pérgamo, da época antoniniana, no qual Deméter é representada junto de um grande altar ardente, vendo-se ali também um facho, um touro (ou antes, a estátua deste animal) e um cipreste. Esta deusa sustenta igualmente a pátera na dextra e uma grande tocha na mão esquerda; a cabeça está coberta com a distintiva coroa cereal (1). O santuário a que neste exemplar se alude é o da própria cidade de Pérgamo, onde o relevo foi achado. Um outro paralelo, tanto ou mais interessante do que este, por se tratar também de outra pátera de prata encontrada na Península, é a de Otañes (Santander), dedicada à ninfa de umas águas medicinais, a que a inscrição chama SALVS VMERITANA (2). Também neste exemplar aparecem as aras e as árvores, como sinais da rústica paragem onde brotava o manancial das águas salutíferas, e onde a ninfa recebia as oferendas de gratidão dos seus devotos. Este costume de dedicar páteras de prata a certos deuses parece ter na Península uma origem ante-romana, testemunhada pelo exemplar de Tivisa, com suas enigmáticas cenas e actos de culto (3), e pelo de Perotitos, com o Gandarab no medalhão e seus frisos de centauros e Eroles caçadores, em volta daquele (4).

O interesse da pátera da Colecção Calzadilla seria, porém, muito menor se o seu medalhão não oferecesse mais que a representação de uma deusa de aspecto romano, e não contivesse na inscrição o nome BAND ARAVGEL, talvez a abreviatura da dedicatória *Banduae Araugelensi*, cuja primeira parte aparece frequente-

(1) H. HEYDING, em *AM* 35 (1910) 509 ss. est. 29,2; E. OHLAMUTZ, *Die Kulte und Heiligtümer der Götter in Pergamon*, 214 s., 223; A. SCHÖBER, *Die Kunst von Pergamon*, 50, fig. 8.

(2) A. GARCIA Y BELLIDO, *Esculturas romanas de España y Portugal*, n.º 493, p. 467 ss., est. 343.

(3) J. M. BLÁZQUEZ, em *Ampurias* 17-18 (1955-56), 111 ss.

(4) A. GARCIA Y BELLIDO, *Op. cit.*, n.º 492, p. 464 ss., est. 344; A. BLANCO, em *CEG* XI (1956), 178 ss.

mente, e com variantes, em epígrafes lusitanas e galaicas, ao passo que o segundo elemento sòmente agora surge pela primeira vez. Já Hübner reunira uma série numerosa de nomes aparentados com o primeiro: BAN... (Malpartida, Cáceres, *CIL*, II, 855); BANDIARBARIAICVS (Lisboa, *CIL*, II, 454); BANDVE (Bragança, *CIL*, II, 2498); BANDERAEICVS (St.<sup>a</sup> Maria deRibeira de Pena, Vila Real, *CIL* II, 2387); BANDVEAETOBRIICO (Xinzo de Limia *CIL* II, 2515); BANDIAEAPOLSEGV (Cáceres, *CIL*, II, 740), etc., aos quais ainda recentemente se veio juntar o BANDVEVEIGEBRAECO, de Rairiz da Veiga (1). Ao estudar esta última epígrafe, Ferro Couselo reuniu a bibliografia pertinente, a que poderemos acrescentar as considerações de Tovar (2) e de Vendryes (3), acerca da natureza do nome, o qual, conforme este último autor observa, carece de analogias no mundo céltico. A polivalência que, aparentemente, a raiz BAND apresenta nas inscrições, leva-nos a pensar que mais provàvelmente do que o nome próprio de uma determinada divindade, tratar-se-á de um epíteto, ou nome comum que necessitaria quase sempre de um determinativo para concretizá-lo e que, conforme a pátera o indica sem dar lugar a dúvidas, seria, por isso mesmo, igualmente aplicável às divindades femininas.

Aquela que neste lugar representamos possui, como acima dissemos, todas as características de uma Tyché-Fortuna, e somos, portanto, induzidos a supor que o seu carácter era similar ao da Fortuna romana, protectora de qualquer família, ou de gentes a que seguramente se refere a segunda parte do seu nome. A assimilação desta deusa do panteão helenístico-romano pelos indígenas explica-se pela frequência de deuses de igual carácter entre os da Hispânia pré-romana, deuses que também assomam por trás dos nomes das muitas

(1) J. FERRO COUSELO, em *Homaxe a Cuevillas*, 111 ss.; A. GARCIA Y BELLIDO «Cohors I Gallica Equitata Civium Romanorum», em *Conimbriga*, I (1959).

(2) A. TOVAR, *Estudios sobre las primitivas lenguas hispánicas*, 136 s., 190 s., 206.

(3) VENDRYES, em GRENIER e outros, *Les Religions Etrusque et Romaine. Les Religions des Celtes....* p. 267.

Tutelae (sempre acompanhados de um epíteto), que as lápides nos oferecem, as quais têm na Península maior densidade, que noutras províncias (1). Estas deusas tinham um carácter sincrético, e, nos seus tipos iconográficos, assimilavam os caracteres das divindades clássicas, como nos mostra a *Tutela Boudig...*, de uma ara de Bordeus, na qual a deusa se apresenta com as características e atributos de Cibele (2). Além disso o tipo de Fortuna representado na nossa pátera é frequente no tempo dos Antoninos e dos Severos, a que ela também, possivelmente, deverá pertencer.

---

(1) *R-E*, s. v. « Tutela » (HEICHELHEIM).  
(2) ESPERANDIEU, *Recueil* IX, n.º 6932, p. 207.



Fig. 1 — *Pátera argêntea procedente de Cáceres. Frente.*  
(Colecção Calzadilla. Badajoz)

1/2 do tam nat. aprox

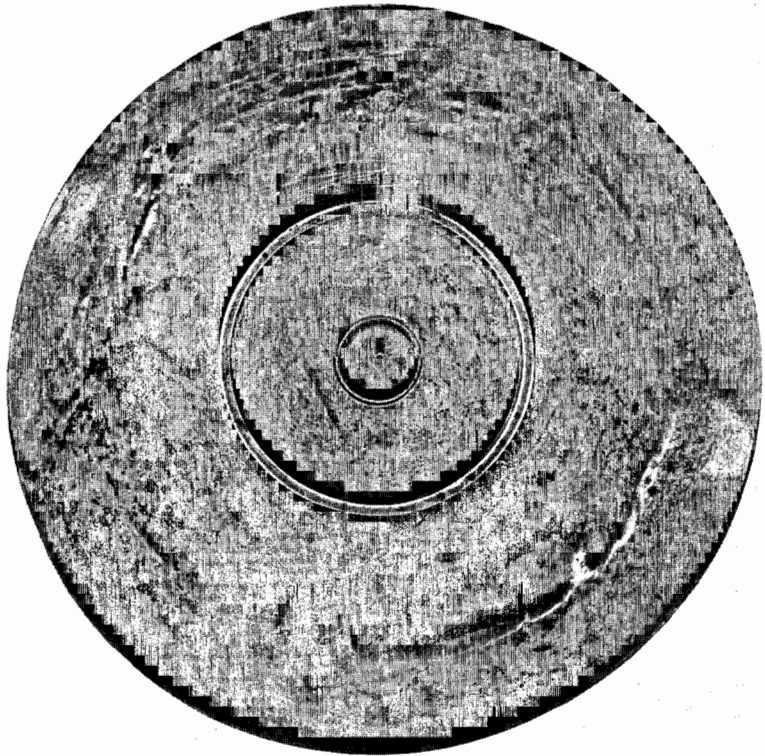


Fig. 2— *Pátera argêntea, de Cáceres. Reverso.*  
(Colecção Calzadilla. Badajoz)  
1/2 do tam. nat. aprox.





Fig. 3 — *Medalhão central da pátera de Cáceres.*  
(Colecção Calzadilla. Badajoz)

Ampliado aprox. ao dobro do tam. nat.